


Os contos de
Grimm



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Grimm, Wilhelm

Os contos de Grimm / Wilhelm Grimm, Jacob Grimm ; tradução de Tatiana Belinky ; ilustrações de Veruschka Guerra. - São Paulo : Paulus, 2025.
Il., color. (Coleção Clássicos para todas as idades)

ISBN 978-85-349-5985-8

Título original: Kinder-und Hausmärchen


1. Literatura infantojuvenil alemã – Contos 2. Folclore – Alemanha 3. Contos de fadas
I. Título II. Grimm, Jacob III. Belinky, Tatiana IV. Guerra, Veruschka

25-5666

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura infantojuvenil alemã - Contos

Coleção CLÁSSICOS PARA TODAS AS IDADES


- *Alice no País das Maravilhas*, Lewis Carroll
 - *Alice através do espelho*, Lewis Carroll
 - *As aventuras de Pinóquio*, Carlo Collodi
 - *O maravilhoso mágico de Oz*, L. Frank Baum
 - *O Pequeno Príncipe*, Antoine de Saint-Exupéry
 - *Contos da Mamãe Gansa*, Charles Perrault
 - *Os contos de Grimm*, Irmãos Grimm
- 

Tradução do alemão
Tatiana Belinky

Ilustração
Veruschka Guerra

Os contos de Grimm





Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Kinder-und Hausmärchen*
© Verlag Carl Ueberreuter, Viena, Áustria
ISBN 3-8000-1010-0

Direção editorial
Pe. Jakson Ferreira de Alencar

Gerência editorial
Elisa Zuigeber

Coordenação editorial
Christiane Angelotti

Revisão
Tiago José Risi Leme
Albertino Manuel Mucute Bramuge

Ilustrações de capa e miolo
Veruschka Guerra

Design
Andrea Cristina Florez Marin

Impressão e acabamento
PAULUS

3ª edição, 2026




Conheça o catálogo **PAULUS**
acessando: paulus.com.br/loja,
ou pelo QR Code.
Teleendas: (11) 3789-4000 /
0800 016 40 11

© **PAULUS - 2026**

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091
São Paulo (Brasil)
Tel.: (11) 5087-3700
paulus.com.br • editorial@paulus.com.br

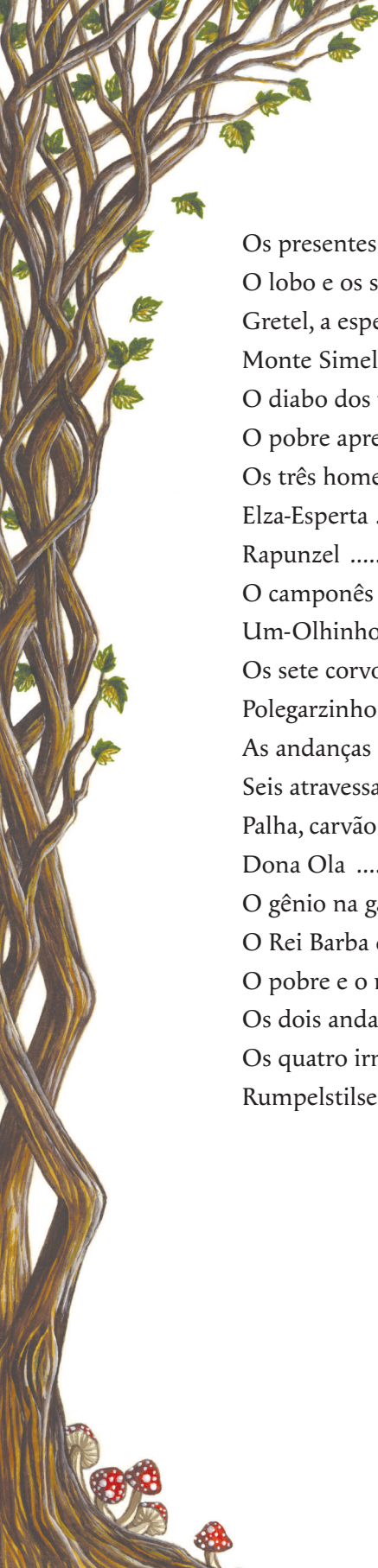
ISBN 978-85-349-5985-8





Índice

A Bela Adormecida no bosque	10
A cobra branca	13
A água da vida	19
A Gata Borralheira	25
Mesinha-te-arruma, burro de ouro e pula-porrete	33
Alva Neve e Rosa Rubra	43
Joãozinho e Mariazinha	52
A morte madrinha	59
João felizardo	63
Jorinda e Joringel	69
O Gato de Botas	74
João de Ferro	79
Maninho e Maninha	89
Branca de Neve	97
O pássaro de ouro	107
Ave-Achado	114
O alfaiatezinho valente	117
O alfaiatezinho esperto	126
O rei sapo	129
O ganso de ouro	134
Chapeuzinho Vermelho	139
As três penas	142
Os músicos da cidade de Brema	145
As moedas-estrelas	149
Os doze irmãos	151
As três fiandeiras	156



Os presentes do povo miúdo.....	159
O lobo e os sete cabritinhos.....	162
Gretel, a esperta	165
Monte Simeli.....	169
O diabo dos três cabelos de ouro	173
O pobre aprendiz de moleiro e a gatinha	181
Os três homenzinhos da floresta	185
Elza-Esperta	190
Rapunzel	195
O camponês e o diabo	199
Um-Olhinho, Dois-Olhinhos, Três-Olhinhos	201
Os sete corvos	208
Polegarzinho	211
As andanças do Pequeno Polegar	217
Seis atravessam o mundo inteiro	221
Palha, carvão e fava	227
Dona Ola	229
O gênio na garrafa	233
O Rei Barba de Melro	239
O pobre e o rico	243
Os dois andarilhos.....	247
Os quatro irmãos habilidosos	257
Rumpelstilsequim	261







A Bela Adormecida no bosque

Há muito tempo, viviam um rei e uma rainha, que diziam todos os dias: “Ai, se ao menos nós tivéssemos uma criança!”. E nunca conseguiam ter filhos.

— Então aconteceu, quando um dia a rainha estava no banho, que um sapo pulou da água para a terra e lhe disse:

— Teu desejo será satisfeito. Antes que passe um ano, terás uma filha.

O que o sapo disse aconteceu, e a rainha teve uma menina, que era tão linda que o rei não cabia em si de contente e deu uma grande festa. E convidou não só seus parentes, amigos e conhecidos, mas também as mulheres sábias, as magas, para que elas fossem amáveis e benevolentes para com a criança. Havia treze delas no reino; mas, como ele só tivesse doze pratos de ouro, dos quais elas deveriam comer, uma delas teria de ficar em casa.

A festa foi celebrada com toda a pompa, e, quando ela terminou, as sábias magas presentearam a criança com seus dons mágicos: uma, com a virtude; outra, com a beleza; a terceira, com a riqueza; e assim com tudo o que se pode desejar no mundo.

Quando a décima primeira acabava de falar, entrou de repente a décima terceira. Ela queria se vingar por não ter sido convidada e, sem cumprimentar e mesmo sem olhar para ninguém, ela proclamou em alta voz:

— A filha do rei, ao completar quinze anos, se picará num fuso e cairá morta.

E, sem outra palavra mais, ela se voltou e deixou o salão. Todos estavam assustados. Então se adiantou a décima segunda, que ainda não fizera o seu desejo, e, porque não podia revogar o mau agouro, apenas amenizá-lo, disse:

— Porém isso não será a morte, mas sim um sono profundo de cem anos no qual a princesa cairá.

O rei, que queria resguardar sua filha amada daquela desgraça, mandou emitir uma ordem para que todos os fusos do reino inteiro fossem queimados. Na menina, todos os dons das mulheres magas se realizaram: pois ela era tão bela, virtuosa, amável e compreensiva que todos os que a viam tinham de amá-la.

No dia em que ela completou os seus quinze anos, o rei e a rainha não estavam em casa, e a menina ficou sozinha no castelo. Então ela perambulou



por toda parte, examinou quartos e salas à vontade, e por fim chegou a uma velha torre. Subiu pela estreita escada em caracol e deu com uma pequena porta, com uma chave enferrujada na fechadura. Quando ela a virou, a porta se abriu, e lá, num quartinho pequenino, estava sentada uma velha com um fuso, fiando o seu linho atarefada.

— Bom dia, vovozinha — disse a princesa —, o que fazes aí?

— Estou fiando — disse a velha, balançando a cabeça.

— E que coisa é essa que salta tão alegremente? — perguntou a menina, e pegou o fuso, querendo fiar também. Mas, mal ela tocou no fuso, o feitiço se realizou, e ela picou o dedo.

E, no mesmo instante em que sentiu a picada, ela caiu na cama que se encontrava ali, mergulhada em sono profundo. E esse sono se espalhou pelo castelo inteiro. O rei e a rainha, que acabavam de voltar e entravam no salão, começaram a adormecer, e a corte inteira com eles. E adormeceram também os cavalos na cocheira, os cães no pátio, as pombas no telhado, as moscas na parede, sim, até o fogo que ardia no fogão aquietou-se e adormeceu. O assado parou de crepitar; o cozinheiro, que ia puxar os cabelos do ajudante por causa de alguma falta, soltou-o e dormiu. E o vento se deitou, e nas árvores, na frente do castelo, nenhuma folhinha estremecia mais.

Mas, em volta de todo o castelo, começou a crescer um espinheiro, que ficava mais alto a cada ano e finalmente envolveu e cobriu o castelo todo, a ponto de não se poder ver mais nada dele, nem mesmo o estandarte no telhado.

E pelo país inteiro corria a lenda sobre a Bela Adormecida, pois assim era chamada a filha do rei, de modo que, de tempos em tempos, chegavam príncipes e queriam atravessar o espinheiro e penetrar no castelo. Mas não o conseguiam, pois os espinhos eram cerrados e agarravam como se tivessem mãos, de modo que os jovens ficavam presos neles, não podiam se desvencilhar e morriam de triste morte.

Depois de longos, longos anos, veio de novo um príncipe real ao país e ouviu um velho contando sobre o espinheiro, atrás do qual existia um castelo onde uma formosa princesa, denominada a Bela Adormecida, dormia já havia cem anos, e com ela dormiam o rei e a rainha e a corte inteira. O velho ouvira também do seu avô que muitos príncipes já tinham vindo e tentado atravessar o espinheiro, mas ficaram enredados nele e morreram de morte lamentável. Mas o moço disse:

— Eu não tenho medo, eu vou lá e vou ver a Bela Adormecida.

E o bom velho, por mais que tentasse dissuadi-lo, não conseguiu fazê-lo ouvir suas palavras.



Agora, porém, os cem anos já haviam passado, e chegara o dia em que a Bela Adormecida devia acordar de novo. Quando o príncipe se aproximou do espinheiro, eram só lindas e grandes flores, que se afastavam sozinhas para deixá-lo passar incólume, fechando-se de novo atrás dele, como um espinheiro cerrado.

No pátio do castelo ele viu os cavalos e os cães de caça deitados dormindo, e no telhado estavam as pombas, com as cabecinhas escondidas debaixo das asas. E, quando entrou no castelo, as moscas dormiam na parede; e na cozinha o cozinheiro ainda estava com a mão levantada, como se quisesse agarrar o ajudante, e a criada estava sentada na frente da galinha preta, que devia ser depenada.

Ele continuou entrando e viu no salão a corte inteira deitada dormindo; e, lá em cima do trono, o rei e a rainha dormiam também. E ele entrou mais ainda; tudo estava tão quieto e silencioso que se podia ouvir a respiração. E finalmente ele chegou à torre, e abriu a pequena porta do quatinho onde dormia a Bela Adormecida. Lá estava ela deitada, tão linda que ele não conseguia desviar os olhos; e então ele se inclinou e deu-lhe um beijo. E, assim que a tocou com os lábios, a princesinha abriu os olhos, acordou, olhou para ele e sorriu.

Então eles desceram juntos, e o rei acordou, e a rainha, e toda a corte; e todos olhavam uns para os outros de olhos arregalados. E os cavalos no pátio ficaram de pé e se sacudiram; os cães de caça pularam e abanaram as caudas; e os pombos no telhado tiraram as cabecinhas de sob as asas, espriaram em volta e saíram voando para o campo.

As moscas na parede se arrastaram adiante; o fogo na cozinha despertou, chamejou e cozinhou a comida; o assado começou a crepitar, e o cozinheiro deu um tapa no ajudante, que gritou; e a criada depenou a galinha.

E aí o casamento do príncipe com a Bela Adormecida foi celebrado com toda a pompa, e eles viveram alegres até o seu fim.



A cobra branca

Já faz muito tempo, existia um rei cuja sabedoria era conhecida no país inteiro. Nada lhe era desconhecido, e era como se as notícias das coisas mais ocultas lhe fossem trazidas pelos ares.

Ele tinha, porém, um costume estranho. Após cada almoço, quando tudo já estava tirado da mesa e não havia mais ninguém presente, um criado de confiança tinha de lhe trazer mais uma travessa. Essa, porém, estava tampada, e o próprio criado não sabia o que havia dentro, e pessoa alguma o sabia, porque o rei não a destampava nem comia dela até ficar completamente sozinho.

Isso já acontecia havia muito tempo. Então um dia a curiosidade venceu o criado ao levar a travessa embora; e ele não resistiu, e carregou a travessa para o seu quarto. Depois de fechar cuidadosamente a porta, ele levantou a tampa e viu que lá dentro estava uma cobra branca. Ao vê-la, o criado não conseguiu resistir à vontade de prová-la; cortou um pedacinho dela e meteu-o na boca. Mas nem bem ele tocou a ponta da língua quando ouviu diante da sua janela um estranho sussurrar de vozes finas. Ele foi, escutou e percebeu que eram os pardais conversando entre eles e contando toda sorte de coisas que eles viram e ouviram no campo e na floresta. Saborear a cobra dera-lhe a capacidade de entender o idioma dos animais.

Justamente naquele dia, aconteceu que sumiu o mais belo anel da rainha, e a suspeita de furto caiu sobre o criado de confiança, que tinha acesso a tudo. O rei convocou-o à sua presença e ameaçou-o entre palavras de dura repreensão, de severo castigo e punição se até o dia seguinte ele não pudesse indicar o culpado. Não lhe adiantou nada afirmar sua inocência, e ele foi despedido sem melhor alternativa.

Na sua angústia, ele desceu para o pátio e ficou pensando em como se livrar daquela aflição. Lá estavam os patos muito tranquilos na água corrente, descansando, alisando-se com os bicos e conversando entre si. O criado parou e ficou escutando. Eles contavam uns aos outros por onde estiveram andando naquela manhã e que boa comida encontraram. Então um deles disse, aborrecido:

— Pois eu sinto um peso no estômago: engoli, na pressa, um anel que estava embaixo da janela da rainha.

Aí o criado logo o agarrou pelo pescoço, levou-o para a cozinha e disse ao cozinheiro:





— Mata este pato logo; ele já está bem nutrido.

— Sim — disse o cozinheiro —, este aqui não teve preguiça de se cevar e já estava há muito com vontade de ser assado.

Ele cortou-lhe o pescoço, e, quando o pato foi eviscerado, o anel da rainha foi encontrado no seu bucho.

Agora o criado pôde facilmente provar a sua inocência perante o rei, e, como este queria consertar a sua injustiça, permitiu que ele pedisse uma recompensa, prometendo-lhe o lugar mais honroso que ele desejasse na sua corte.

O criado recusou tudo e só pediu um cavalo e dinheiro para o caminho, pois tinha vontade de ver o mundo e de viajar por algum tempo.

Quando o seu desejo foi atendido, ele se pôs a caminho e um dia passou por um lago, onde ele reparou em três peixes que ficaram presos num cano e se debatiam por água. Embora se diga que os peixes são mudos, ele ouviu, no entanto, os seus queixumes por terem de morrer tão miseravelmente. E, porque tinha coração compassivo, ele desceu do cavalo e soltou os prisioneiros de volta na água. Eles rebolaram de alegria, puseram as cabeças para fora e gritaram para ele:

— Pensaremos em ti e te recompensaremos por nos teres salvo!

O homem cavalgou adiante e, pouco depois, pareceu-lhe ouvir uma voz na areia aos seus pés. Prestou atenção e ouviu uma rainha das formigas se queixando:

— Se ao menos os homens, com seus animais desajeitados, nos deixassem em paz! Esse cavalo estúpido pisou meu povo, sem dó, com os seus cascos pesados!

O criado desviou o cavalo para um caminho calçado de pedras, e a rainha das formigas gritou para ele:

— Nós pensaremos em ti e te recompensaremos!

O caminho levou-o para uma floresta, e lá ele viu um casal de corvos que atirava os seus filhotes para fora do ninho:

— Fora convosco, seus imprestáveis — gritavam eles. — Não podemos mais alimentar-vos, já estais bem crescidos e podeis vos cuidar sozinhos.

Os pobres filhotes, caídos no chão, esperneavam e se debatiam, gritando:

— Coitados de nós, crianças desamparadas, temos de nos alimentar sozinhos e ainda nem sabemos voar! Só nos resta morrermos aqui de fome!

Então o bondoso jovem apeou, matou o cavalo com o seu punhal e deixou-o como alimento aos filhotes de corvo. Eles se aproximaram aos pulinhos, satisfizeram sua fome e gritaram:

— Nós pensaremos em ti e te recompensaremos!



Agora ele tinha de usar suas próprias pernas, e, depois de caminhar muito tempo, ele chegou a uma grande cidade. Lá havia muito barulho e aglomeração pelas ruas. E chegou um homem a cavalo, e anunciou que a filha do rei procurava um marido, mas quem quisesse conquistá-la teria de executar uma tarefa difícil e, se não conseguisse resolvê-la direito, perderia a vida. Muitos já o haviam tentado, mas em vão, e pagaram com a vida. Mas, quando o jovem viu a princesa, ficou tão deslumbrado pela sua beleza que se esqueceu de qualquer perigo; apresentou-se ao rei e se declarou candidato.

Imediatamente ele foi levado à beira do mar e, diante dos seus olhos, um anel de ouro foi atirado nas ondas. Então o rei lhe ordenou que fosse buscar o anel no fundo do mar e acrescentou:

— Se voltares à tona sem ele, serás novamente atirado às ondas até que morras lá no fundo.

Todos lamentaram o belo jovem e depois o deixaram sozinho à beira do mar. O moço ficou lá parado pensando no que iria fazer. Aí ele viu três peixes nadando, e eram os mesmos cuja vida ele salvara. O do meio tinha na boca uma concha, que ele depositou aos pés do moço. Quando ele a pegou e abriu, lá estava o anel de ouro dentro dela.

Cheio de alegria, ele levou o anel ao rei e esperou que ele lhe desse a recompensa prometida.

Mas a orgulhosa princesa escarneceu dele quando soube que ele não era de linhagem nobre, e exigiu que ele antes cumprisse uma segunda tarefa. Ela mesma desceu ao jardim e espalhou dez sacos de milho miúdo na grama.

— Ele tem de recolher tudo isso antes do sol nascer — disse ela — e não pode faltar nem um só grãozinho.

O jovem sentou-se no jardim e ficou pensando como seria possível cumprir essa tarefa. Mas não conseguiu descobrir nada, e lá ficou sentado muito triste esperando pela madrugada, quando seria levado para a morte.

Mas, quando os primeiros raios de sol caíram no jardim, ele viu os dez sacos enfileirados um junto ao outro, bem cheios, sem que faltasse um só grãozinho. A rainha das formigas chegara no meio da noite com as suas milhares e mais milhares de formigas, e os bichinhos, agradecidos, tinham diligentemente recolhido todos os grãos de milho, devolvendo-os aos sacos.

A filha do rei desceu pessoalmente ao jardim e viu com espanto que o jovem cumprira o encargo que ela lhe dera. Mas ela não conseguiu vencer o seu coração orgulhoso e disse:

— Embora ele tenha resolvido os dois problemas, não poderá ser meu esposo antes de me trazer uma maçã da árvore da vida.



O jovem não sabia onde se encontrava a árvore da vida. Ele se levantou e se dispôs a caminhar enquanto suas pernas o carregassem, mas não tinha esperança de encontrá-la.

Quando já atravessara três reinos e chegara, ao anoitecer, a uma floresta, o moço sentou-se debaixo de uma árvore para dormir. Aí ele ouviu um farfalhar entre os galhos, e uma maçã de ouro caiu na sua mão. Ao mesmo tempo, três corvos vieram voando, pousaram no seu joelho e disseram:

— Nós somos os três filhotes de corvo que tu salvaste da fome. Quando crescemos e soubemos que tu procuravas a maçã de ouro, voamos por cima do mar até o fim do mundo, onde está a árvore da vida, e te trouxemos tal maçã.

Cheio de alegria, o jovem pôs-se a caminho de volta e trouxe a maçã de ouro para a bela princesa, a quem não restava mais nenhuma desculpa. Eles repartiram a maçã da vida e a comeram juntos. Então o coração da moça se encheu de amor pelo jovem, e eles viveram felizes até a profunda velhice.

